



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

# ECPC LVT

julho | 2025

## ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO  
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



### Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, tal como o anterior, o mês decorreu quente e com uma grande instabilidade térmica nas temperaturas máximas, verificando-se a maior oscilação diária superior a 10°C. A última semana do mês foi marcada por uma acentuada subida das temperaturas máximas, mas ao longo do mês verificaram-se vários picos de temperatura máxima, bastante superiores ao normal para a época, com valores acima de 30°C. Foram registados vários dias com valores de temperatura mínima inferiores ao normal para a época, mas a maior parte dos dias decorreram com temperaturas mínimas superiores ao normal para a época, situadas acima de 15°C.

Ao longo do mês verificaram-se amplitudes térmicas diárias significativas, com alguns dias a registarem valores mais acentuados. As amplitudes térmicas máximas, foram de 24,2°C e de 24,7°C, respetivamente nas estações de Alcobaça e de Torres Vedras/Dois Portos, no dia 29, e de 18,9°C na estação de Santa Cruz/Aeródromo no dia 25.

Os dias decorreram principalmente com céu pouco nublado ou limpo e com frequência de períodos de maior nebulosidade junto ao litoral, verificando-se também a ocorrência de alguns dias de céu limpo, principalmente na última semana do mês.

O mês foi seco, com uma precipitação acumulada inferior ao normal para época, a qual ocorreu sob a forma de chuva fraca ou chuveisco.

Foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal, principalmente nos locais mais junto ao litoral.

O mês foi mais ventoso do que o anterior, tendo os dias decorrido com vento fraco a moderado, soprando pontualmente forte junto ao litoral. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, três dias na estação de Alcobaça, quatro dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e catorze dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

Com a escassa precipitação, as temperaturas elevadas e registo de algum vento, os níveis de água no solo diminuíram significativamente face ao mês anterior. No final do mês, em termos globais, nos concelhos mais junto ao litoral dominava o índice de capacidade de campo CC [21, 40], e nos concelhos mais interiores dominava o índice CC [11, 20]. Especificamente nos concelhos de Torres Vedras e da Lourinhã ainda se observava alguma área no índice CC [41, 60].

No final do mês, as reservas de água superficiais apresentavam algum decréscimo face ao mês anterior, mas mantinham volumes de armazenamento acima do normal para a época, existindo disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais. As reservas de água subterrâneas também apresentavam valores acima do normal para a época, embora já se notasse uma menor disponibilidade de água em algumas captações subterrâneas.

As condições climatéricas permitiram a realização das atividades agrícolas em geral. A subida das temperaturas e o tempo seco, reduziram a pressão de doenças fúngicas como o míldio, nas vinhas e na cultura da batata e provocaram *stress* hídrico nas culturas de sequeiro como o milho, o feijão e o grão de bico. As temperaturas bastante elevadas na fase final do mês, provocaram algum escaldão solar e a paragem no crescimento normal dos frutos, afetando os calibres principalmente nas peras e maçãs. O tempo quente e a disponibilidade de água aceleraram o desenvolvimento das culturas de regadio instaladas tardiamente, como o milho, o tomate para indústria, o arroz e a batata. Nas hortícolas ao ar livre, no decurso do mês houve colheitas de couves, abóboras e cenouras.

A oferta de couves era inferior à procura devido a uma menor área de plantação face às condições climatéricas de excesso de precipitação na primavera. A escassez de oferta influenciou favoravelmente os preços na produção (lombarda, coração de boi, brócolos e couve-flor). As abóboras em colheita apresentavam calibres inferiores ao habitual e os preços apresentaram-se baixos devido à fraca procura do produto associada ao tempo quente. As cenouras apresentavam uma qualidade média e um preço bastante baixo. Com a pouca oferta disponível, devido à redução da área semeada em abril e maio por motivos climatéricos, previa-se uma subida de preço e já se verificava o recurso a importação. Nas hortícolas em estufa, os dias quentes e com muita luminosidade aceleraram o desenvolvimento das culturas. Foi iniciada a segunda campanha de tomate.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se por uma grande oscilação das temperaturas máximas que se registaram no geral muito altas para a época, com ocorrência de ondas de calor. As amplitudes térmicas diárias apresentaram alguma variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 17,8°C e de 21,5°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega, um pouco superiores ao mês anterior. A maior amplitude térmica diária foi de 26,7°C registada no dia 26 na estação de Tomar/Vale Donas e de 30,6°C, registada no dia 15 na estação de Alvega.

Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se muito superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se inferior à normal para a época.

Ao longo do mês, os dias decorreram maioritariamente com céu pouco nublado ou limpo e entre os dias 11 a 13 e 18 a 20, verificaram-se períodos de alguma nebulosidade. Verificou-se ainda entre os dias 18 a 20 alguma formação de neblina ou nevoeiro matinal.

No que respeita ao vento, esteve essencialmente fraco a

a moderado, soprando por vezes moderado a forte nas terras mais altas.

O mês decorreu praticamente sem chuva, registando-se um dia em ambas as estações meteorológicas com precipitação acumulada muito residual. O valor acumulado, registado na estação de Alvega, corresponde a 2,3% do normal para a época.

Em ambas as estações meteorológicas a humidade relativa média do mês baixou relativamente ao mês anterior.

O teor de água no solo nos concelhos de Abrantes, Mação, Constância, Ferreira do Zêzere, Vila Nova da Barquinha e Alcanena situava-se no final do mês maioritariamente no índice CC [21, 40]. O concelho do Entroncamento situava-se maioritariamente no índice CC [11, 20]. Os concelhos de Torres Novas, Tomar, Sardoal e Ourém situavam-se entre os índices CC [11, 20] e CC [21, 40]. Nos concelhos de Abrantes e Mação, verificaram-se ainda pequenas manchas situadas no índice CC [41, 60].

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis bons, contudo menores aos do mês anterior, não sendo na região sinalizada falta de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, no que respeita às culturas de primavera-verão, salienta-se na cultura de milho de regadio (grão), o efeito das temperaturas elevadas no seu ciclo vegetativo, verificando-se no geral um adiantamento da floração, com um porte das plantas muito baixo. Nos prados de regadio, as plantas perenes mantiveram um crescimento lento pelo efeito do calor elevado ao longo do mês. Nos olivais tradicionais, as altas temperaturas que se registaram em vários dias de julho, provocaram pontualmente e de forma ligeira, a queda de frutos por escaldão, com maior incidência em variedades tardias e no lado sul da copa das árvores. Nos olivais intensivos, as temperaturas elevadas foram compensadas com rega, sem comprometimento do crescimento do fruto.

Relativamente às figueiras, as condições climatéricas extremas (temperaturas elevadas) ocorridas na primeira quinzena do mês e na última semana podem ter influenciado favoravelmente o desenvolvimento dos figos o que pode levar a uma maturação ligeiramente mais antecipada do que o normal para os figos vindimos da cultivar “Pingo de mel”. No que respeita às noqueiras, as temperaturas elevadas viabilizaram um melhor controlo das doenças fúngicas na cultura. O calor não teve um impacto significativo na cultura, verificando-se apenas alguns frutos escaldados, nas árvores com menos folhagem. Para minimizar o efeito do escaldão, procedeu-se neste mês à aplicação de protetores solares (produtos naturais com base numa argila mineral macia de cor branca que, após aplicação, forma uma película esbranquiçada nos frutos, protegendo da radiação solar excessiva). As temperaturas elevadas influenciaram um pouco as amendoeiras, tendo as árvores necessitado de uma maior disponibilidade de água. Pontualmente verificaram-se alguns sinais de escaldão, sem grande significado. Nas vinhas para vinho, verificaram-se pontualmente sinais de escaldão, sobretudo nas vinhas novas com os cachos mais expostos. Nas vinhas para uva de mesa, as condições de tempo não tiveram influência na cultura. A oscilação de temperaturas elevadas e descida das mesmas, teve impacto no desenvolvimento da cultura da batata de regadio (para a indústria), provocando uma paragem do crescimento dos tubérculos já desenvolvidos e iniciação de nova tuberização.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, à semelhança do anterior, o mês decorreu com grande oscilação das temperaturas máximas. Já nas temperaturas mínimas registou-se uma maior estabilidade dos valores. Continuou a verificar-se variabilidade das amplitudes térmicas diárias, as quais foram bastante acentuados em alguns dias. Na Lezíria do Tejo o valor médio da amplitude térmica foi 15,3°C e o valor máximo diário foi 23,7°C, registado no dia 15 na estação meteorológica de Santarém/Fonte Boa. No Baixo Sorraia o valor médio da amplitude térmica foi 19,2°C e o valor máximo diário foi

27,5°C, registado no dia 15 na estação meteorológica de Coruche.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a temperatura máxima foi bastante superior ao normal para a época e a mínima foi inferior, de acordo com os registos das estações de Santarém/Fonte Boa e de Coruche.

O mês decorreu com dias de céu pouco nublado ou limpo e com alguns dias de céu limpo, principalmente na última semana.

O vento foi maioritariamente fraco a moderado.

A precipitação ocorrida foi praticamente inexistente durante o mês e inferior ao normal para a época, correspondendo a 42,4% e a 44,2%, de acordo com os registos das estações de Santarém/Fonte Boa e de Coruche, respetivamente.

No final do mês o teor de água no solo tinha diminuído face ao mês anterior, distribuindo-se entre os índices CC [21, 40] e CC [11, 20]. Os concelhos do Baixo Sorraia apresentavam um teor de água no solo mais elevado do que os concelhos da Lezíria do Tejo. Excepcionalmente, no concelho de Santarém observavam-se duas manchas situadas no índice CC [1, 10] e no concelho de Coruche uma mancha situada ainda no índice CC [41, 60].

Os níveis das reservas de água superficiais apresentavam uma descida com algum significado, contudo, ainda acima do normal para a época, não se registando faltas de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo, em geral foi favorável ao desenvolvimento das culturas de primavera-verão, permitindo alguma recuperação do atraso resultante das sementeiras e plantações tardias. O tempo seco permitiu o controlo das doenças fúngicas, nomeadamente nas vinhas, na batata e nas noqueiras. Na cultura do arroz, o vento prejudicou pontualmente a realização de alguns tratamentos.

As temperaturas médias elevadas conduziram a um bom desenvolvimento vegetativo da cultura de tomate para indústria e à antecipação dos ciclos vegetativos, designadamente nas plantações mais precoces, levando a uma redução dos dias necessários para a maturação dos frutos. Na cultura da batata, as oscilações das temperaturas provocaram a interrupção do crescimento nos tubérculos já desenvolvidos e formação de novas tuberizações. Nas nojeiras, as temperaturas elevadas provocaram pontualmente alguns frutos escaldados, nas árvores com menos folhagem. Nos citrinos, designadamente na laranja, as temperaturas elevadas provocaram algum stress hídrico nas árvores, em especial nos solos mais arenosos.

Na **Grande Lisboa**, o mês decorreu quente, com grandes oscilações da temperatura máxima, sobretudo a partir do dia 8 até final do mês. A temperatura máxima mais elevada foi superior ao normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi ligeiramente inferior ao normal para a época.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por tempo quente, com formação de neblina ou nevoeiro matinal em alguns locais da faixa costeira.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado (até 30 km/h), soprando por vezes forte (até 40 km/h) e com rajadas no início e final do mês até aproximadamente 60 km/h, em especial na faixa costeira.

O mês decorreu seco, com precipitação muito residual.

A humidade relativa média foi inferior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, à exceção do concelho de Vila Franca de Xira que se situavam no índice CC [11, 20], nos restantes concelhos, em geral, situavam-se no índice CC [21, 40], destacando-se o litoral do concelho de Mafra no índice CC [41, 60].

No que diz respeito às reservas de água superficiais

verificou-se boa disponibilidade de água para rega e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do estado do tempo, apesar dos cuidados a ter no uso de máquinas agrícolas devido ao risco de incêndio, este foi propício para a conclusão do enfardamento do feno e para o desenvolvimento vegetativo das culturas de primavera-verão. As condições climatéricas foram favoráveis à intensificação do mildio, sobretudo na vinha. Tal como referido no relatório anterior, *“Na vinha para uva de mesa, o escaldão afetou principalmente a variedade Red Globe em cerca de 40% a 50% da sua produção. Também na vinha de uva para vinho houve registo de escaldão nas castas mais sensíveis, como é o caso da Castelão.”* Nas pomóideas, o tempo excessivamente quente que se fez sentir levou a um atraso no desenvolvimento da pera e provocou danos na maçã por escaldão solar. Nos limoeiros as temperaturas das últimas semanas do mês contribuíram para o aparecimento de escaldão solar sobre os frutos. Os dias que registaram temperaturas acima de 35°C foram prejudiciais para o tomate para indústria, resultando em frutos “cozidos” pelo calor.

Na **Península de Setúbal**, o mês decorreu muito quente. As temperaturas máximas registaram frequentemente valores acima do normal para a época, com tendência de descida desde o início do mês até dia 11 e notórias oscilações ao longo do restante mês. As temperaturas mínimas registaram em geral valores acima do normal para a época. A maior amplitude térmica diária foi de 27,0°C, registada no dia 15 na estação de Pegões.

Na estação de Setúbal foram registadas três ondas de calor ao longo do mês, concretamente nos períodos entre os dias 1 a 8, 13 a 17 e 24 a 31. A estação de Pegões registou também três ondas de calor, entre os dias 1 a 8, 12 a 22 e 24 a 31.

Os dias decorreram com céu geralmente pouco nublado ou céu limpo, exceto no dia 20, em que ocorreu precipitação (muito residual).

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25 km/h a 30 km/h), com maior intensidade na segunda quinzena.

O mês decorreu muito seco na região, ocorrendo precipitação em apenas um dia na estação de Setúbal e em cinco dias na estação de Pegões, com valores muito residuais.

No final do mês as reservas de superfície apresentavam menor quantidade de água.

O teor de água no solo registava valores no índice CC [21, 40] em praticamente toda a região, havendo áreas com índice CC [11, 20] nos concelhos de Alcochete e a norte do concelho de Palmela. As zonas mais interiores dos concelhos de Sesimbra e Seixal registavam valores no índice CC [41, 60].

Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, na vinha, as elevadas temperaturas ocorridas nos últimos dias de junho e ao longo do mês de julho provocaram escaldão principalmente em vinhas novas, com pouca folhagem, nos cachos mais expostos (como é o caso da casta Moscatel) e também em folhas. Também em vinhas mais bem constituídas poderá haver alguns estragos. As castas mais afetadas foram a Moscatel e a Castelão. Na casta Moscatel verificou-se o efeito do escaldão em cachos ainda não formados, que acabou por queimar. Estas situações implicaram uma gestão da rega mais exigente. As elevadas temperaturas que possam verificar-se durante o mês de agosto ocorrerão com as vinhas já mais protegidas e com os cachos compostos, não constituindo grande preocupação para os produtores. Nas pomóideas também se verificou alguma fruta queimada por escaldão, com efeitos no seu interior (tipo cozedura). As elevadas temperaturas que ocorreram na fase do vingamento do fruto levaram ao decréscimo da produção. Nas culturas de primavera-verão, o ano atípico, caracterizado por muita chuva no inverno e na

primavera, com consequências no atraso das sementeiras, as temperaturas muito elevadas ocorridas no mês de junho e julho tiveram consequências no crescimento e desenvolvimento das culturas. Na cultura do milho, temperaturas elevadas (superiores a 35°C) poderão comprometer a polinização e a formação do grão, o que resultará em quebra de produção. O efeito das elevadas temperaturas é minimizado através de uma rega equilibrada. Havendo ainda grande parte da cultura que não iniciou a floração, caso ocorram temperaturas elevadas em agosto, estas poderão ter consequências negativas na produção. Na cultura do arroz as temperaturas muito elevadas tiveram consequências principalmente nas sementeiras mais tardias, que se encontravam pouco desenvolvidas. Perderam-se muitas plantas com as elevadas temperaturas, tendo sido efetuadas ressementeiras que também não nasceram bem devido ao calor. O tempo quente provocou o desenvolvimento de algas à superfície da água, atrofiando o desenvolvimento das plantas na fase inicial de crescimento. Na cultura de tomate para indústria as elevadas temperaturas provocaram situações de escaldão essencialmente nas searas mais precoces, mais expostas, com consequências previsíveis na perda de qualidade.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações.



**Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal**

### Oeste

Nas vinhas para vinho, os ataques de míldio estabilizaram. Não surgiram novos focos nos cachos apesar da observação de manchas novas nos renovos, em particular nas castas Caladoc e Fernão Pires.

O “pintar” da uva torna o bago resistente à doença do mildio e do oídio. No entanto, surgiram algumas situações de podridão nos bagos, em resultado de um crescimento significativo dos mesmos no cacho (associado a uma menor produção por videira), que provocou o rompimento das películas por esmagamento de uns contra os outros. Mas será precoce assumir que o ano é favorável ao surgimento de podridões. Foram iniciados tratamentos fitossanitários com cobre para fornecer maior dureza à película do bago. Continuaram a surgir alguns focos de oídio, tendo sido recomendada a realização de tratamentos. Relativamente a pragas, foram pouco expressivas as capturas da segunda geração da traça da uva (sem necessidade de recomendação de tratamentos) e ainda não havia registo do início da terceira geração. Continuou a verificar-se alguma pressão de cigarrinha verde em certas zonas. Embora existissem situações pontuais de estragos significativos provocados por doenças e pragas, que resultaram principalmente de não terem sido realizados atempadamente tratamentos preventivos, os prejuízos ocorridos enquadravam-se na situação de um ano normal.

Na vinha para uva de mesa verificou-se uma melhoria das condições fitossanitárias, não se tendo verificado grande pressão de doenças e pragas, as quais foram eficazmente controladas com os tratamentos realizados.

Nas pomóideas, com a subida das temperaturas aumentaram os sintomas visíveis de fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*) nos pomares, principalmente de pera Rocha, onde surgiram novos focos de elevada intensidade. A doença, que se encontra disseminada por toda a região, nesta campanha tem apresentado uma sintomatologia superior à verificada nos anos anteriores, com mais períodos de infeção. Para tentar conter a doença, continuaram a ser realizadas podas sanitárias nos pomares de pera Rocha, com corte das partes lenhosas infetadas, provocando uma diminuição da área produtiva. Após a colheita prevê-se a continuação de operações de podas de limpeza para

baixar o inóculo da bactéria. Ainda nos pomares de pera Rocha, os sintomas de estenfiliose (*Stemphylium vesicariumnos*) aumentaram, mas apresentavam um nível de intensidade bastante menor do que a verificada nos anos anteriores. Foram realizados tratamentos para a contenção da doença. No que respeita a pragas, aumentaram as capturas de traça da fruta causadoras de bichado e houve algum aumento nas populações de mosca da fruta, mas ainda sem significado. Nas macieiras surgiram também problemas de pedrado e antracnose, alguns ataques de aranhaço vermelho, pulgão lanígero e ácaros.

Nos olivais, o elevado número de dias com forte incidência de humidade matinal e alguma precipitação, favoreceram o desenvolvimento da mosca da azeitona, tendo-se verificado um ligeiro ataque desta praga em algumas parcelas das variedades mais precoces, que apresentavam frutos de maior calibre. Revelou-se eficaz o recurso a estratégias de controlo preventivas e dissuasoras, tendo sido raros os olivais em que o nível de ataque justificou a aplicação de produtos fitossanitários.

Na cultura do milho não surgiram problemas significativos em termos fitossanitários. As ocorrências pontuais de ataques de lagartas foram eficazmente controladas, bem como a situação das infestantes.

A cultura do arroz apresentava uma boa situação fitossanitária. No entanto é previsível o surgimento de infestantes no início de agosto.

Os javalis por enquanto ainda não tinham provocado estragos na cultura, mas já tinham sido observadas marcas da sua presença nos canteiros.

A cultura do feijão para seco apresentava uma boa situação fitossanitária.

Na cultura de tomate para a indústria ocorreram focos de fusariose (doença infecciosa causada por um conjunto de fungos com muitas espécies diferentes, transmitidos pelo solo) provocando o amarelecimento e a perda das plantas.

Também ocorreram pontualmente focos de míldio, que foram eficazmente controlados com os devidos tratamentos. Com a subida das temperaturas, começaram a surgir algumas pragas de lagartas. Especificamente quanto à *Tuta absoluta*, embora já se observasse a sua presença, não exercia ainda uma grande pressão.

Na cultura do girassol não ocorreram problemas fitossanitários. Foi identificada a presença de javalis, mas ainda sem estragos.

Na cultura da batata, verificou-se uma melhoria das condições fitossanitárias, designadamente do míldio. No entanto, com a subida consistente das temperaturas e com o aumento da intensidade do vento (característico da região), verificou-se o aparecimento e dispersão do ácaro branco (*Polyphagotarsonemus latus*), que causa estragos (deformação, enrolamento e redução de área foliar) e provoca um bronzeamento característico.

Nas hortícolas de ar livre houve problemas de mosca branca e afídeos nas couves. Nas abóboras, o míldio e o oídio marcaram presença com intensidade, tendo provocado perda de produção. Nas cenouras surgiram problemas com fungos, principalmente de alternaria e de oídio. Houve ainda ataques de psila.

Nas hortícolas em estufa, na cultura do tomate, verificaram-se ataques de intensidade média de tripses e de *Tuta absoluta*. Na cultura da courgette, verificaram-se focos de oídio com baixa intensidade. Os tratamentos revelaram-se eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

### **Médio Tejo**

Nas vinhas para vinho, durante o mês não foram detetadas pragas com significado relevante. Apenas, no final do mês, foi efetuado um tratamento para controlo da população de cigarrinha verde. O míldio encontrava-se sanado, mas afetou muito a cultura, sobretudo as vinhas mais velhas para vinho e as vinhas para uva de mesa, em que houve muita perda de cachos. Foram identificados focos de oídio, sem grande significado.

Nos olivais tradicionais, a precipitação fraca e isolada que se registou, favoreceu o aparecimento de alguma população de mosca da azeitona, verificando-se o início de posturas da praga. Os dias de calor que lhes sucederam não permitiram a eclosão dos ovos ou desenvolvimento das suas larvas. Também a aplicação de estratégias de controlo preventivas e dissuasoras, mostraram ser eficazes, o que não justificou economicamente a aplicação de qualquer produto fitossanitário. Nos olivais intensivos nada de significativo foi identificado.

Relativamente às figueiras, nesta fase de desenvolvimento dos figos não foram identificadas pragas ou doenças com relevância.

Nas amendoeiras, verificou-se no princípio do mês a presença de cigarrinha verde, situação controlada no fim do mês face aos tratamentos realizados que se revelaram eficazes.

Nas nogueiras, a subida das temperaturas ajudou no controlo das doenças fúngicas, em especial da bacteriose, que praticamente desapareceu. Em alguns pomares, verificou-se pontualmente o surgimento de podridão apical, tendo-se efetuado a aplicação de fungicida. Relativamente a pragas, em alguns pomares ocorreram ataques de piolho com intensidade fraca, sem necessidade de tratamentos.

Nos pomares de limão, no que respeita a pragas, verificou-se o aumento da população de cochonilha de pinta vermelha, com uma intensidade média.

Foi ainda identificado o surgimento de cochonilha algodão, igualmente com intensidade média. Para ambas as pragas foram efetuados tratamentos.

No milho de regadio começaram a surgir com alguma intensidade ataques de lagarta desfolhadora (*Spodoptera frugiperda*), tendo sido efetuado tratamento nas áreas em que se verificava atingido o nível económico de ataque. Mantém-se a presença de cicadela ou "cigarrinha verde" (*Dalbulus maidis*),

verificando-se já sinais do vírus do nanismo do milho (MRDV).

Nas plantações de batata de regadio (para a indústria), as pragas identificadas são as normais, com maior intensidade do escaravelho e de lagarta (*Helicoverpa armigera*). As doenças fúngicas verificadas são as habituais em anos muito húmidos seguidos de temperaturas elevadas: mildio (*Phytophthora infestans*) e rizoctoniose (*Rhizoctonia solani*). Foi ainda identificada a doença do pé negro da batateira provocada pela bactéria *Erwinia carotovora*. subsp. *Atroseptica*. Com a saída de algumas substâncias ativas do mercado, notou-se que o controlo de pragas e doenças por vezes não foi tão eficaz.

### Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, no final do mês foi observado um aumento significativo de cigarrinha verde, verificando-se que em algumas áreas já tinha sido atingido o nível económico de ataque, justificando-se a realização de tratamento. A terceira geração da traça da uva iniciou o voo a meio de julho, verificando-se já em algumas armadilhas o pico do voo. Proximamente será efetuada a estimativa de risco para avaliar a necessidade de tratamento.

Nos citrinos, em especial nos pomares de laranja, surgiram ataques de ácaros que foram eficazmente debelados.

No amendoal, mantiveram-se focos de antracnose. A eficácia dos tratamentos tem sido fraca prevenindo-se consequências na produção.

Nas noqueiras, a subida das temperaturas ajudou no controlo das doenças fúngicas, em especial da bacteriose, que praticamente desapareceu. Em alguns pomares, verificou-se pontualmente o surgimento de podridão apical, tendo sido realizado tratamento. Relativamente a pragas, em alguns pomares ocorreram ataques de piolho com intensidade fraca, sem necessidade de tratamentos.

Nos olivais, no início do mês foram realizados tratamentos fitossanitários para controlo da população de mosca da azeitona. As temperaturas elevadas, superiores a 35°C, foram desfavoráveis ao desenvolvimento de ovos e larvas, pelo que não houve necessidade de novas intervenções fitossanitárias.

No milho, foi identificada a presença do vírus do nanismo (MRDV), com uma intensidade variável (campos com 3% a 5% e outros com 15% a 20% de plantas anãs). As searas afetadas apresentavam um desenvolvimento irregular com plantas de diferente porte. Continuaram a verificar-se estragos na cultura provocados por javalis.

No arroz não foram identificados prejuízos para além do normal, causados por pragas e doenças. Houve uma forte presença de infestantes, com destaque para milhãs (*Echinochloa* spp.) e arroz bravo. Principalmente nas milhãs houve uma forte resistência aos tratamentos. Continuaram a verificar-se estragos causados pelos javalis. Também foram identificados prejuízos na cultura provocados por patos, gaivotas e ibis que obrigaram a algumas ressementeiras.

O tomate para indústria apresentava uma situação fitossanitária regular, sem registo de doenças ou pragas causadoras de prejuízos na cultura.

Na batata de regadio, surgiram ataques de escaravelho e de lagarta (*Helicoverpa*) com mais intensidade do que nos anos anteriores. As doenças como a *Rhizoctonia*, o mildio e o pé negro, habituais em anos mais húmidos, revelaram-se difíceis de controlar devido à impossibilidade de utilização de algumas substâncias ativas.

### Grande Lisboa

Nas vinhas, quer de uva para vinho quer de uva de mesa, continuaram a ser feitos tratamentos para infeções de mildio e de oídio. Não obstante, o mildio revelou-se uma doença muito desafiante já desde o início da campanha.

Deu-se ainda continuidade à monitorização da traça-dos-cachos (*Cryptoblabes gnidiella*), para a qual não existem difusores de confusão sexual e, por isso, foram realizados os devidos tratamentos curativos com inseticida. Verificou-se grande quantidade de infestantes que foram cortadas nas entrelinhas.

Nas pomóideas, mais concretamente nas pereiras, intensificaram-se as capturas de bichados (*Cydia funebrana e molesta*) para os quais foram adotados os devidos procedimentos de combate. Apesar dos tratamentos fitossanitários administrados, começaram a surgir sintomas de estenfiliose (doença fúngica causada pelo *Stemphylium vesicarium*), que ataca folhas e frutos causando manchas castanhas e que pode levar à sua queda prematura. Ainda nas pereiras, houve grande apreensão para com o fogo bacteriano, o que tem vindo a ser uma crescente preocupação na presente campanha, particularmente no concelho de Mafra. Os primeiros sintomas desta doença, altamente destrutiva, surgiram na primavera, afetando sobretudo os ramos que se apresentavam com aspeto “queimado”, folhas secas, castanhas ou negras que permaneceram agarradas à planta, mesmo após murcharem. No final do mês, os frutos apresentavam sinais de murchidão e escurecimento, mantendo-se presos aos ramos. Outro indicador grave da doença foram os cancro nos ramos e tronco, onde a casca apresentava zonas deprimidas, gretadas ou descoloradas. Para conter a propagação da doença e minimizar os consequentes impactos económicos, foi necessário continuar com as medidas de contenção da doença, através da remoção e destruição imediata dos ramos afetados, cortando-os com uma margem mínima de 50 cm abaixo da última zona com sintomas visíveis, sendo imediatamente destruídos. Perante este cenário, as autoridades oficiais emitiram uma autorização excepcional de emergência para utilização de um produto específico para a cultura da pereira que utiliza bacteriófagos (vírus naturais que atacam exclusivamente a bactéria *Erwinia amylovora*).

Nos citrinos, concretamente nos pomares de limão do concelho de Mafra, a traça do limoeiro (*Prays*

*citri*) continuou a aumentar de intensidade. As larvas da traça alimentam-se dos botões florais, flores e frutos jovens, podendo causar danos significativos na produção. A eficácia dos tratamentos foi prejudicada pelas elevadas populações existentes e pelos diferentes estádios presentes sobre os frutos (ovos e larvas).

Nas searas de milho começa a ser preocupante a invasão de javalis, que não só comem as plantas, mas também estragam por espezinhamento.

Nos arrozais surgiram algumas infestantes, tais como milhãs, situação que ainda não se revelava preocupante, mas para as quais já foram aplicados os devidos herbicidas.

No tomate para indústria, constataram-se alguns focos de ácaros, mosca branca e traça do tomateiro ou *Tuta absoluta*. Para esta última, foi recentemente concedida pela Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) uma Autorização Excepcional de Emergência (AEE), para a utilização de um produto na cultura do tomateiro, que é um inseticida de base biológica, formulado a partir de um peptídeo natural altamente específico para larvas de lepidópteros. Esta autorização vem na sequência de aprovações semelhantes concedidas noutros países do sul da União Europeia, como Itália e Grécia, para o mesmo fim.

Embora existam atualmente outros produtos fitofarmacêuticos para o controlo da *Tuta absoluta*, esta nova solução representa uma alternativa com um modo de ação distinto, contribuindo para diversificar as estratégias de proteção, evitar o desenvolvimento de resistências e reforçar o controlo eficaz da praga. Espera-se que esta autorização temporária venha a ser uma mais-valia para os agricultores, ajudando a reforçar a eficácia no combate à traça do tomateiro e a preservar a produtividade e qualidade da cultura.

### Península de Setúbal

Na vinha continuaram a efetuar-se tratamentos fitossanitários de controlo, normais para a época e de acordo com as situações presentes, nomeadamente

para a cigarrinha verde, que se começou a evidenciar neste mês, apesar de em muito menor escala que na campanha anterior e sem a sintomatologia do encarniçado das folhas, o que pode estar relacionado com os elevados valores de precipitação verificados no período do inverno e da primavera. Os focos de míldio acabaram por não se revelar muito preocupantes, ocorrendo dispersos e sem ataques generalizados.

Nas pomóideas, nomeadamente na maçã e na pera, continuaram a efetuar-se capturas de mosca do mediterrâneo com armadilhas de captura em massa, estando a situação a ser controlada. Nas pereiras continuou a verificar-se uma grande incidência de fogo bacteriano, sendo as limpezas sanitárias de ramos retomadas após a colheita. Relativamente a doenças, nomeadamente pedrado e estenfiliose, estas estão controladas, não havendo incidência na região. Também a nível de pragas, nomeadamente psila, ácaros e bichado não se verificaram situações preocupantes. De salientar a existência de muita fruta picada por pássaros.

No amendoal a incidência do fungo moniliose está estabilizada, devido aos tratamentos fitossanitários realizados. De salientar o efeito das elevadas temperaturas na incidência de ácaros, sobretudo aranhaço vermelho, praga também presente na campanha anterior.

Na cultura do milho, o vírus ananicante estava muito ativo, com maior incidência do que na campanha anterior, o que terá consequências no decréscimo da produtividade. A lagarta desfolhadora (*Spodoptera*) encontrava-se presente, como em campanhas anteriores. A presença de javalis nesta cultura continua a preocupar os produtores desde a sementeira, prevendo-se o agravamento na fase da formação do grão (mais apetecível), coincidente com a altura do nascimento das crias.

Na cultura de arroz foram efetuados tratamentos herbicidas, verificando-se que existiam áreas mais “limpas” e outras com maior incidência de infestantes

do que na campanha anterior. Relativamente a pragas não houve nada a salientar.

Na cultura de tomate para indústria, a nível de doenças, destacou-se a presença de fungos do solo (*Fusarium*), com grande pressão nas variedades mais sensíveis. A nível de pragas, começou a revelar-se o ácaro do bronzeamento. Relativamente à *Tuta absoluta*, não se manifestou com muita intensidade na região, pelo que não se revelou muito preocupante.



**Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

No **Oeste**, as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas), devido às elevadas temperaturas e escassa precipitação já se encontravam bastante secas e com pouca disponibilidade de alimento natural.

Com as forragens já colhidas os campos encontravam-se em restolho seco. As condições de alimentação das espécies pecuárias estabuladas eram bastante semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado.

Devido ao menor valor nutricional das forragens colhidas no presente ano, prevê-se que o equilíbrio nutricional tenha de ser compensado com formulações de ração industrial mais rica em proteína, com algum efeito nos custos de produção.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se totalmente secas e ao longo de julho, foram consumidas sob pastoreio direto.

Os prados de regadio apresentavam-se com as plantas em fase de crescimento lento. Na sua composição florística verificavam-se os trevos em floração e algum azevém a espigar.

As consociações forrageiras anuais de sequeiro, já colhidas e armazenadas no mês anterior, foram disponibilizadas para pastoreio, ficando o restolho praticamente todo consumido pelas espécies pecuárias.

A cultura de luzerna encontrava-se em novo ciclo vegetativo após o primeiro corte. Do primeiro corte verificou-se uma menor produção de forragem em relação ao ano anterior, por se terem perdido muitas plantas em solos encharcados nos meses anteriores. A qualidade da matéria verde foi fraca, visto as plantas se encontrarem apodrecidas na sua parte inferior (junto à raiz). Após o corte verificou-se a presença de fungos numa zona baixa da planta, não visível na sua parte aérea.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, continuavam em pastoreio nas pastagens secas, que ainda tinham algum alimento. Na fase da recria, os animais desmamados consumiam fenossilagem e algum alimento concentrado.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se secas. Continuou a verificar-se disponibilidade de alimento natural e conservado (grande abundância de fenos), superior ao ano passado, para consumo das espécies pecuárias, sem necessidade de complementar a alimentação.

Na **Grande Lisboa**, em meados do mês observavam-se os campos já com todo o feno enfardado. Na presente campanha o feno apresenta-se com elevado teor de compostos fibrosos e baixo teor de proteína bruta, aspetos que se devem ao facto de as plantas terem sido cortadas em avançado estado de maturação (pleno espigamento/granação). Em termos quantitativos houve

uma maior produtividade quando comparada com o ano anterior.

Verificou-se uma grande disponibilidade de alimentação natural e conservada para consumo das espécies pecuárias estabuladas e em regime extensivo, encontrando-se o coberto vegetal muito seco no final do mês.

Na **Península de Setúbal** em geral o coberto vegetal encontrava-se muito seco no final do mês. Os cortes para feno, silagem e fenossilagem estavam concluídos. A quantidade colhida foi superior à da campanha anterior. A qualidade foi, em geral, também superior.

No final do mês, em geral os prados apresentavam ainda disponibilidade de alimento, situação que não é habitual nesta altura e que se revelou também mais favorável que a do ano transato. Concretamente, nalgumas zonas de vale ou com condições propícias ao crescimento do coberto vegetal e com recurso a rotação dos terrenos pastoreados, continuou a ser possível a alimentação animal natural. No geral o recurso a suplementação com conservados e rações industriais foi inferior à da campanha anterior.



### Cereais praganosos de outono inverno: produção quanto a aspetos de quantidade: rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste**, a colheita de cereais praganosos estava praticamente concluída no final do mês e o balanço é de que o ano não foi bom para estas culturas.

A produtividade e a qualidade foram inferiores ao normal e menores do que no ano anterior. Em geral o cereal apresentou baixo peso específico, refletindo os problemas ocorridos na fase de enchimento do grão, e calibres baixos numa parte significativa da produção, devido ao excesso de água no solo durante a fase de desenvolvimento da cultura.

Boa parte da produção foi encaminhada para a indústria de rações por não cumprir os parâmetros de qualidade exigidos para a alimentação humana. Devido à baixa rentabilidade que estas culturas têm proporcionado aos produtores, associada a uma descida consecutiva nos preços de venda nos últimos anos, no Oeste tem-se assistido a uma grande desistência das mesmas, sendo cada vez mais residual o número de produtores que as praticam.

No **Médio Tejo**, as culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal encontravam-se com a colheita terminada. Relativamente ao ano anterior foi ponderada a variação da produtividade destas culturas cerealíferas, resultando num decréscimo da produtividade no trigo e manutenção nos restantes cereais. Em termos de qualidade, verificaram-se grãos com uma qualidade boa, aptos para panificação e produção de malte (cevada dística). Relativamente à cultura de trigo mole verificaram-se áreas em que os grãos colhidos denotaram pouco peso específico, cujo destino foi a alimentação animal (ração).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as colheitas encontravam-se terminadas. Na cultura do trigo, a produtividade foi inferior à do ano anterior e a qualidade fraca. Os grãos apresentaram pouco peso específico. Na cevada a produtividade foi idêntica à do ano anterior.

Na **Grande Lisboa** finalizou-se a colheita do trigo, apurando-se uma produtividade superior à do ano anterior. Em termos qualitativos o trigo foi, na generalidade, de menor valor nutricional devido ao ano ter sido muito chuvoso. Tal como referido anteriormente, a cevada já tinha sido toda colhida, apresentando-se também com menor valor proteico que a da campanha anterior. Não obstante, o balanço da cultura de cereais praganosos foi positivo.

Na **Península de Setúbal** foi efetuada a colheita do trigo mole no final do mês, com boa qualidade e com

produtividade idêntica ao ano anterior. A colheita do triticales, iniciada no final de junho ficou concluída no final deste mês, com aumento de produtividade relativamente à campanha anterior. A colheita da cevada (dística) foi efetuada em meados do mês. O grão não obteve a qualidade e o calibre necessário com vista à indústria para malte, por a cultura ter sido semeada muito tarde, pelo que o grão teve como destino a alimentação animal.



**Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade**

#### Vinha

No Oeste, apesar da diminuição das reservas de água no solo, manteve-se o bom estado vegetativo das vinhas para vinho. No final do mês a maior parte das castas encontravam-se no estado M – Pintor.

As castas mais adiantadas no ciclo produtivo eram a Fernão Pires e a Seara Nova, nas brancas, e a Caladoc nas tintas. Mantem-se a perspetiva de alguma descida de produtividade face ao ano anterior devido, principalmente, às condições climáticas ocorridas na primavera, que levaram a uma menor diferenciação floral, originando a formação de menos cachos por videira. A forte incidência de mildio também contribuiu para alguma perda de produção, mas a doença não constituiu o principal fator na determinação do nível de produtividade esperada.

Embora ainda se encontre distante o final do ciclo da cultura, perspetiva-se um ano de produção de uva com boa qualidade. Mas esta poderá ficar comprometida, caso se mantenha a tendência de escassez de precipitação, pois um aumento significativo do stress

hídrico nas videiras causará pouca acumulação de fotoassimilados nas uvas e, por consequência, o emurchecimento das mesmas e paragem da maturação. As vinhas para uva de mesa também se apresentavam em bom estado vegetativo devido às condições climáticas favoráveis e à baixa pressão de doenças e pragas. No final do mês a maior parte das castas encontravam-se no estado fenológico M – Pintor e as mais adiantadas no estado N – Maturação, tendo sido iniciada a colheita. Apesar dos problemas fitossanitários ocorridos durante a primavera, principalmente a forte incidência de míldio, a uva apresentava boa qualidade, mas estima-se uma menor produtividade face ao ano anterior.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho no geral encontravam-se no final do estado fenológico M – Pintor, tendo dado um salto significativo e atenuado o atraso sentido no início do mês. Espera-se que a vindima comece nos primeiros quinze dias de setembro, com um atraso de duas semanas relativamente ao ano anterior. Na região, os solos mantinham bastante água acumulada e não havia evidências de *stress* hídrico nas videiras, encontrando-se no geral em bom estado vegetativo. Em termos quantitativos é estimado um aumento de produtividade relativamente ao ano anterior, contudo inferior a um ano normal. É mantida a previsão de uma melhor qualidade face ao ano anterior. As vinhas para uva de mesa encontravam-se no geral avançadas, no estado N – Maturação. Em algumas das vinhas já foi iniciada a colheita desde a penúltima semana de julho. Em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o míldio) é prevista uma menor produtividade face ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as vinhas para vinho mantinham um bom desenvolvimento vegetativo e bastante vigor. Encontravam-se maioritariamente entre os estados fenológicos M – Pintor e N – Maturação. No final do mês estimava-se uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior. Espera-se uma colheita com uvas de boa qualidade, equilibradas em

açúcares e acidez. As vinhas para uva de mesa também se apresentavam em bom estado vegetativo e em boas condições fitossanitárias. No final do mês a maior parte das castas encontravam-se no estado fenológico M – Pintor e as mais adiantadas no estado N – Maturação, tendo sido iniciada a colheita. Apesar dos problemas fitossanitários ocorridos durante a primavera, principalmente a forte incidência de míldio, a uva apresentava boa qualidade, mas estima-se uma menor produtividade face ao ano anterior.

Na Grande Lisboa a maior parte das variedades de uva para vinho encontravam-se no início do estado fenológico M – Pintor. Tal como referido no mês anterior, os fortes ataques de míldio, os esporádicos ataques de oídio, focos de podridão e o escaldão nas castas mais sensíveis refletiram-se numa quebra de produtividade. Apesar do atraso da cultura na presente campanha, prevê-se o início da colheita das castas precoces para meados de setembro. A maioria das variedades de uva de mesa (Vitória, Red Globe, Crimson Seedless e D. Maria) estavam no estado fenológico M – Pintor. Já a variedade Cardinal estava no estado fenológico N – Maturação, tendo sido iniciada a sua colheita no final do mês. Perspetiva-se uma perda de produtividade relativamente ao ano anterior, devido aos fortes ataques de míldio e ao escaldão nas castas mais sensíveis, que ocorreram durante o mês antecedente.

Na Península de Setúbal as vinhas encontravam-se no final do mês com bom desenvolvimento vegetativo. De salientar as já referidas situações de escaldão provocadas pelas elevadas temperaturas verificadas no final do mês de junho e ao longo deste mês.

O atraso do ciclo fisiológico que se verificava, em cerca de 10 dias relativamente a um ano normal, deverá ser reduzido pelo efeito das elevadas temperaturas e consequente aceleração no desenvolvimento. Relativamente ao estado fenológico, no geral as castas mais adiantadas, nomeadamente a Fernão Pires, encontravam-se no final do mês no estado N – Maturação e com 9 a 10<sup>o</sup> de teor alcoólico.

As mais atrasadas, como a Moscatel, no estado M – Pintor e em algumas zonas ainda com o cacho por pintar. A colheita deverá ser iniciada com as castas brancas em meados de agosto, prevendo-se uma vindima faseada e prolongada. Nesta fase e pelo decréscimo, de um modo geral, de nascença de cachos, muito representativo nomeadamente nas castas Castelão e Fernão Pires, as perspetivas apontam para uma quebra significativa na produção relativamente à campanha anterior (que já foi muito penalizadora) e a um ano normal.

### **Pomóideas**

No Oeste, as pereiras (Rocha) e as macieiras (Gala, Golden, Fuji, Reineta e RegalYou) encontravam-se no estado fenológico J – Frutos em Desenvolvimento, prevendo-se o início da colheita da pera Rocha e das maçãs do grupo Gala, na segunda metade de agosto. Nos pomares de pera e maçã os frutos apresentavam boa qualidade e calibres mais pequenos do que no ano anterior, embora a campanha também apresentasse um ligeiro atraso relativamente a um ano normal. As temperaturas elevadas no final do mês causaram alguma paragem no crescimento dos frutos, acentuando a situação dos calibres, mas não foram identificadas situações significativas de escaldão. Contudo, receia-se que a persistência de temperaturas bastante elevadas nos primeiros dias de agosto, possa vir a causar alguns danos nos frutos. Nas peras, a expectativa de produção baixou relativamente à previsão do mês anterior. As podas sanitárias de fogo bacteriano nos pomares, realizadas durante o mês como medida de contenção da doença, reduziram o potencial produtivo da cultura, prevendo-se uma produção muito semelhante à do ano anterior. Nas maçãs, mantém-se a perspetiva de uma produção ligeiramente superior à do ano anterior, prevendo-se uma produtividade idêntica nas maçãs do grupo Gala, uma produtividade ligeiramente inferior nas variedades Fuji e Golden e um aumento de produtividade nas variedades Reineta e RegalYou.

Na Grande Lisboa, na generalidade as pomóideas ostentavam frutos em amadurecimento e crescimento,

prevendo-se o início da colheita para final de agosto. No entanto ainda é prematuro estimar a sua produtividade que será afetada pelos problemas fitossanitários que melhor se referem no respetivo capítulo do presente relatório.

Na Península de Setúbal, no final do mês as pereiras e as macieiras encontravam-se no geral com os frutos em crescimento, com calibres normais ou pequenos e boa qualidade, já se tendo iniciado a colheita da maçã Royal Gala e estando previsto o início da colheita da pera em meados de agosto. Relativamente à produtividade, poderia ser melhor, caso não tivessem ocorrido temperaturas tão elevadas aquando do vingamento do fruto, estimando-se nesta fase que poderá ser superior na maçã. Na pera estima-se que será inferior, devido à diminuição do potencial produtivo em resultado das podas sanitárias para evitar a propagação do fogo bacteriano.

### **Prunóideas**

No Oeste, as ameixas e os pêssegos encontravam-se em colheita. Os frutos apresentavam bom calibre e boa qualidade, embora o episódio de granizo ocorrido em abril em algumas zonas do Baixo Oeste, tenha causado danos na aparência dos frutos e perdas de produção em algumas variedades. Estima-se uma produtividade nas ameixas e nos pêssegos ligeiramente menor do que no ano anterior.

Na Península de Setúbal, nas ameixeiras estima-se uma produção muito baixa devido às condições climáticas ocorridas anteriormente, que prejudicaram muito a floração.

### **Citrinos**

No Oeste, os pomares de limão apresentavam frutos em crescimento. Havia uma boa quantidade de frutos por árvore, podendo considerar-se um ano normal em termos de quantidade e de qualidade da produção.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se em bom estado e com os frutos no estado fenológico J - Crescimento de Frutos, com um desenvolvimento regular.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a maior parte dos pomares de laranja apresentavam bom estado vegetativo, embora alguns, instalados em solos mais arenosos, apresentassem sinais de *stress* hídrico. No geral, os pomares encontravam-se com os frutos em crescimento, com o tamanho de uma grande noz. Devido ao fraco vingamento e à queda de frutos ocorrida em junho, prevê-se uma descida acentuada de produção face ao ano anterior, embora ainda seja cedo para estimar com alguma garantia a produtividade e a qualidade dos frutos.

Na Grande Lisboa, os limoeiros encontravam-se no estado fenológico J - Crescimento de Frutos, verificando-se também frutos maduros. Estima-se uma menor produtividade relativamente ao ano anterior e uma produção de menor qualidade devido a frutos com excesso de maturação, riscados pelo vento e com roçamentos e manchas causadas por fungos durante a primavera.

Na Península de Setúbal no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, prevendo-se a próxima colheita em setembro.

### **Amendoal**

No Médio Tejo, as amendoeiras encontravam-se em bom estado vegetativo e com os frutos em maturação. A colheita está prevista para o final de agosto. Os pomares foram devastados pelos javalis (população a aumentar) que partiram os ramos mais baixos das árvores para comerem os frutos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de amêndoa apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se os frutos em amadurecimento. Mantém-se a estimativa de uma menor produção devido à escassa floração e conseqüente vingamento dos frutos. Aproxima-se o período da colheita, verificando-

se frutos com bom calibre. Pontualmente, foram identificados problemas de germinação do miolo, o que poderá vir a deteriorar o valor comercial dessa produção e obrigar ao seu encaminhamento para destinos menos exigentes.

Na Península de Setúbal no final do mês os frutos estavam a amadurecer e com alguma “casca” já aberta. Prevê-se que a colheita seja efetuada na primeira ou na segunda semana de setembro e obtida uma produção superior à da campanha anterior.

### **Nogueiral**

No Médio Tejo, as nogueiras encontravam-se em bom estado vegetativo, com os frutos em crescimento. A rega é fundamental nesta fase da cultura, encontrando-se a ser monitorizada de forma rigorosa, através de sondas de humidade nos solos e de medição na câmara de pressão estomática das folhas, para que seja disponibilizada à medida das necessidades da cultura. Está prevista a colheita no final de setembro.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de nogueiras encontravam-se em bom estado vegetativo e com os frutos em crescimento, estando a colheita prevista para o final de setembro. Nesta fase é fundamental assegurar uma boa gestão da rega de forma a garantir as necessidades hídricas da cultura e o bom desenvolvimento dos frutos.

### **Olival**

No Oeste, à semelhança do mês anterior, também se registaram vários dias com altas temperaturas, o que provocou pontualmente e de forma ligeira, a queda de frutos por escaldão, com maior incidência nas variedades tardias. Em termos fenológicos, durante as primeiras semanas do mês, os olivais concluíram o endurecimento do endocarpo (caroço), sucedido pelo abrandamento do crescimento dos frutos, que foi mais acentuado devido aos picos de calor.

Assim, no final do mês, os frutos apresentavam calibres e quantidade de polpa abaixo do expectável.

Alguns olivais com menores reservas hídricas no solo, apresentaram uma maior queda de folhas velhas, constituindo uma estratégia natural da oliveira para reduzir a evapotranspiração e evitar o *stress* hídrico. Como referido no mês anterior, perspetiva-se uma produção abaixo do potencial produtivo previsto no início da floração. Mas comparativamente ao ano anterior, estima-se uma produtividade muito semelhante e uma qualidade superior, uma vez que na generalidade os frutos apresentam um bom estado fitossanitário.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais, durante as primeiras semanas de julho verificou-se já concluído o endurecimento do endocarpo e redução significativa da taxa de crescimento dos frutos. Em alguns olivais, instalados em solos com menores reservas hídricas, verificou-se uma maior queda de folhas velhas. Mantém-se a perspetiva de uma menor produção face ao potencial produtivo que as árvores apresentaram nas fases da floração e vingamento dos frutos (elevado número de cachos florais desprovidos de qualquer fruto vingado). Os olivais intensivos encontravam-se em bom estado vegetativo e os frutos em crescimento. No geral, tem-se verificado um bom crescimento dos frutos existindo uma boa perspetiva em termos quantitativos. Em termos qualitativos ainda não é possível indicar uma previsão.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais continuavam em bom estado vegetativo e com um bom desenvolvimento dos frutos. O endurecimento do caroço concluiu-se nas primeiras semanas de julho. Atendendo às boas condições dos olivais no final do mês, estima-se uma boa campanha, com uma produtividade superior ao ano anterior, caso não venham a ocorrer situações adversas até à colheita. Em termos qualitativos, é ainda prematuro fazer uma avaliação, pois os meses mais críticos para a qualidade serão os mais próximos da época da colheita, principalmente setembro e outubro.

## Figueiral

No Médio Tejo, os figos vindimos das variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas encontravam-se na fase final de desenvolvimento, dentro do normal. A colheita está prevista na segunda semana de agosto. É esperada uma produção normal, no entanto, o calibre pode ser afetado negativamente devido ao calor extremo ocorrido no final do mês.

Na Grande Lisboa, no início do mês deu-se por finalizada a colheita dos frutos, com uma quebra de produção devido a estragos provocados pelas altas temperaturas que se fizeram sentir nos últimos dois meses.



**Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão-de-bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol; disponibilidade de água para rega**

## Milho

No Oeste, o milho de sequeiro para grão, mesmo com a recuperação do ciclo cultural verificada no mês anterior, no final de julho ainda refletia algum atraso. Nas searas mais adiantadas as plantas encontravam-se no estado reprodutivo de grão leitoso, prevendo-se que a colheita decorra no mês de setembro.

As condições meteorológicas de escassez de precipitação e de temperaturas elevadas, causaram *stress* hídrico na cultura prejudicando o seu desempenho, perspetivando-se não ser um bom ano para a cultura. Já nas searas de milho forrageiro de regadio, atendendo à boa disponibilidade de água para rega, as condições de temperatura e luminosidade foram favoráveis, tendo permitido acelerar o desenvolvimento da cultura, a qual se podia considerar normal para a época. As plantas apresentavam bons lançamentos e um vigor vegetativo bastante considerável.

Os campos mais adiantados encontravam-se no final do desenvolvimento vegetativo, com plantas de cerca de 1,8m de altura, prevendo-se o lançamento da bandeira para meados de agosto. Os mais atrasados apresentavam-se joelheiros, com cerca de 50cm. No final do mês a expectativa em relação à cultura era bastante elevada, estimando-se uma produção superior à do ano anterior. Embora não tenham sido identificadas restrições de água para rega, com o tempo quente e seco houve necessidade de uma gestão mais rigorosa da água disponível para satisfazer as elevadas exigências hídricas da cultura.

No Médio Tejo, as searas de milho encontravam-se com os seus ciclos vegetativos muito adiantados face às ondas de calor ocorridas. As temperaturas elevadas (com muita luz) adiantaram a floração verificando-se esta atingida com um porte muito baixo das plantas. As primeiras sementeiras encontravam-se com as plantas na fase de enchimento do grão (metade da fase do grão leitoso), enquanto as mais tardias encontravam-se a entrar na floração. Intensificaram-se os estragos nas searas provocados pelos javalis face ao estado do grão muito apeteçível para estes animais. Mantiveram-se os tempos de rega intensiva pelos dias de calor ocorridos. Há uma razoável disponibilidade de água para a rega proveniente de águas subterrâneas (embora tenham descido um pouco os níveis freáticos).

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a cultura apresentava um atraso generalizado devido às sementeiras tardias. A maior parte das searas encontravam-se em plena floração e as mais tardias ainda em desenvolvimento vegetativo. O desenvolvimento da cultura apresentava alguma irregularidade devido à preparação das sementeiras ter decorrido com muita pressão e alguma incorreção, assim como, posteriormente, a presença do vírus do nanismo, resultou na formação de plantas de baixo porte. Mantem-se a estimativa de aumento das áreas semeadas, devido à maior disponibilidade de terras pela redução de área de tomate contratada com a indústria. Também as perdas de oportunidade de instalação de

outras culturas de primavera disponibilizaram terras para a cultura de milho. Continuaram a verificar-se estragos na cultura, provocados pelos javalis. Não foram identificadas limitações na disponibilidade de água para rega. Devido ao vírus do nanismo, espera-se uma produtividade inferior a um ano normal, mas muito idêntica ao ano anterior.

Na Grande Lisboa as searas de milho tinham um desenvolvimento dentro do expectável, com plantas com 1,4m a 1,6m de altura. Estima-se a formação de maçaroca para o mês de setembro. O atraso das sementeiras devido à impossibilidade de entrada de máquinas agrícolas nos terrenos encharcados durante o mês de maio levou a que tenham sido utilizadas variedades de ciclos mais curtos, que são menos produtivas.

Na Península de Setúbal, as sementeiras ficaram concluídas neste mês, verificando-se um atraso na cultura de cerca de um mês, devido aos constrangimentos decorrentes das elevadas precipitações ocorridas no período do inverno e consequentes atrasos na preparação dos solos e nas sementeiras. Estima-se uma área cultivada idêntica à da campanha anterior. No final do mês a cultura apresentava-se com bom desenvolvimento vegetativo. Os primeiros milhos a serem semeados estavam em floração ou em início da formação do grão.

O milho semeado posteriormente estava ainda em desenvolvimento vegetativo. De salientar que em ano normal, nesta altura o milho estaria em geral a terminar a floração. Não ocorreram constrangimentos na quantidade de água para rega. Prevê-se que a colheita de milho grão seja efetuada a partir de início de outubro e do milho forrageiro um mês antes.

### **Arroz**

No Oeste, devido à instalação tardia, a cultura encontrava-se muito atrasada, ainda em crescimento vegetativo. Os campos de arroz mais adiantados apresentavam plantas com três folhas e as últimas

sementeiras plantas com uma folha. As temperaturas elevadas que se verificaram no final do mês promoveram algum aceleração no desenvolvimento da cultura, a qual teve maior necessidade de água, não tendo sido identificadas restrições na disponibilidade de água para a cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as sementeiras ficaram concluídas no início da segunda semana do mês. Nas primeiras áreas semeadas a cultura encontrava-se na fase do encanamento e nas últimas na fase da terceira folha. Devido à instalação tardia ainda não é possível estimar a variação da produtividade relativamente ao ano anterior. Não foram identificadas limitações de disponibilidade de água para a cultura.

Na Grande Lisboa, no final do mês deram-se por concluídas as sementeiras. As searas de abril já iniciaram a fase do espigamento. De um modo geral, a cultura está muito atrasada nesta campanha, devido à impossibilidade de mobilização dos terrenos que estavam encharcados. Esta falta de mobilização das terras na sua época normal contribuiu para o surgimento de infestantes em algumas searas, situação que ainda não se revelava preocupante, mas para as quais já foram feitas as devidas mondas. Teme-se que o arroz semeado mais tardiamente (junho e julho, que foi a maioria) já fora do ciclo normal da cultura, possa vir a ser prejudicado caso chova nos meses de setembro e outubro, pois nessa altura em que as plantas estarão em plena floração, se não houver luz solar haverá aborto floral e o arroz não espigará.

Na Península de Setúbal no final do mês o desenvolvimento do arroz apresentava diferenças de acordo com a época de sementeira, encontrando-se o mais avançado na fase de afilamento/encanamento. Comparativamente à campanha anterior nesta altura estava a iniciar-se o espigamento, o que corresponde a cerca de um mês de atraso no desenvolvimento da cultura. A gestão da água é complicada, apresenta limitações, estando dependente da localização dos canteiros, sendo, portanto, condicionada. Prevê-se que

a colheita seja efetuada a partir de meados de outubro, com cerca de um mês de atraso relativamente a um ano normal.

### **Grão de Bico**

No Oeste, no final do mês a cultura apresentava plantas com vagens a começar a secar e com grãos miúdos. O tempo seco e as temperaturas elevadas não foram favoráveis à cultura, que é realizada em sistema de sequeiro. Prevê-se a colheita no mês de setembro e uma produtividade bastante menor do que no ano anterior.

No Médio Tejo, no final do mês a cultura ainda não tinha sido colhida, esperando-se que seja iniciada no princípio de agosto. Em termos de produtividade estima-se que seja igual comparativamente ao ano anterior, e em termos de qualidade prevê-se que seja um pouco superior, contudo só será possível avaliar este parâmetro após a colheita.

Na Lezíria do Tejo, prevê-se a colheita das searas mais precoces no início de agosto. Contrariamente ao previsto no mês anterior, estima-se uma produtividade inferior comparativamente ao ano precedente, uma vez que as condições climáticas e fitossanitárias ocorridas durante o desenvolvimento da cultura afetaram o potencial produtivo.

### **Feijão**

No Oeste, no final do mês já tinham sido iniciadas as colheitas de feijão para seco, que se irão prolongar em agosto. Devido às condições meteorológicas verificadas nos meses de verão, a cultura, habitualmente realizada em sistema de sequeiro, após a floração ficou sujeita a algum stress hídrico e a excesso de calor, tendo apresentado problemas no vingamento e no enchimento das vagens. O calibre do feijão é menor do que no ano passado, estimando-se uma produtividade inferior.

No Médio Tejo, a cultura de feijão relativamente ao ano anterior sofreu uma diminuição de áreas com um grande significado. A oportunidade de instalação da cultura perdeu-se no decorrer do tempo, tendo os

produtores optado pela instalação de outro tipo de culturas, como por exemplo as culturas forrageiras (azevém e aveia). Nas poucas sementeiras efetuadas (mais adiantadas) a cultura encontrava-se na fase de enchimento da vagem, verificando-se já meia cheia. A cultura teve ao longo do mês necessidade de regas diárias (inclusive à noite), havendo disponibilidade de água.

### **Tomate para indústria**

No Oeste as searas apresentavam um bom estado vegetativo. As condições de temperatura elevada aceleraram o desenvolvimento da cultura, perspetivando-se uma ligeira antecipação da colheita relativamente às previsões do mês anterior, estimando-se o início na segunda semana de agosto. No final do mês a maior parte dos campos apresentavam plantas com frutos vingados. As plantações mais tardias estavam em floração. Os picos de temperatura aparentemente não impactaram muito na perda direta de frutos. No entanto, estima-se alguma perda provocada por podridão apical observada em determinadas variedades, julgando-se estar associada a uma rega desadequada face ao aumento das temperaturas e consequentes desequilíbrios hídricos provocados nas plantas. Devido ao atraso de três a quatro semanas na instalação da cultura, é ainda prematura qualquer previsão de produtividade ou de qualidade da produção. Não se verificaram limitações de água para rega.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as temperaturas elevadas verificadas até ao final do mês foram favoráveis ao desenvolvimento vegetativo da cultura, encontrando-se algumas searas mais adiantadas com frutos prontos a colher. Nas plantações mais jovens, que se encontravam em plena floração, as temperaturas elevadas poderão ter um impacto negativo, elevando a taxa de aborto das fecundações e consequente quebra de produtividade. O início da colheita está previsto para a primeira semana de agosto. No entanto, devido ao atraso das plantações, prevê-se que a intensificação da

colheita ocorra a partir de meados de agosto. Embora ainda seja um pouco cedo para uma avaliação global da produtividade da cultura, nas searas mais adiantadas estima-se um ligeiro aumento comparativamente ao ano anterior. A disponibilidade de água para a cultura não esteve comprometida quer nas origens superficiais quer nas subterrâneas.

Na Grande Lisboa, apesar do atraso da cultura em cerca de um mês devido a se ter plantado tardiamente, no final do mês a maioria das plantas apresentavam bom desenvolvimento vegetativo, na sua maioria em floração e com tomate fechado, verificando-se algum tomate em amadurecimento em cerca de 10% da área plantada mais cedo, sobretudo em terrenos arenosos. Prevê-se o início da colheita das searas mais precoces no início da terceira semana de agosto. Nalgumas zonas constataram-se alguns frutos “chapados” devido aos dias com temperaturas acima dos 35°C, o que irá influenciar a produtividade que, por ora, é prematuro prever. As necessidades de rega têm estado dentro da normalidade. Apesar dos tratamentos preventivos efetuados no mês anterior, constataram-se algumas pragas, situação mais desenvolvida no respetivo capítulo da “Fitossanidade”.

Na Península de Setúbal a área plantada é inferior relativamente à campanha anterior, devido a condições contratuais com a indústria. As plantas apresentavam-se no final do mês com bom desenvolvimento vegetativo, com alguma incidência de escaldão e em crescimento do fruto, com atraso no desenvolvimento em relação ao normal. Prevê-se que a colheita seja efetuada a partir de meados de agosto.

### **Girassol**

No Oeste, a cultura apresentava um bom estado vegetativo, com as plantas em fase de floração. Não foram identificadas restrições na disponibilidade de água para rega.

## Melão

Na Grande Lisboa a maior parte da área cultivada estava com os frutos colhidos, prevendo-se o seu término no final da primeira semana de agosto. A produtividade foi boa, superior à da campanha anterior. Apesar de alguns frutos terem sido afetados pelas elevadas temperaturas, apresentando-se com algumas zonas queimadas, a qualidade é substancialmente melhor que a do ano anterior. Um dos aspetos que tem vindo a influenciar o abandono da cultura são os baixos preços pagos ao produtor, que não fazem face aos custos de produção.



**Batata: estado vegetativo da cultura de regadio; andamento das colheitas da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade de produtos**

No **Oeste**, as batatas de regadio semeadas em março foram colhidas em junho. As batatas apresentavam uma qualidade razoável e calibres médios a baixos. As sementeiras realizadas durante o mês de maio, apresentavam um bom estado vegetativo e plantas com tubérculos em desenvolvimento, perspetivando-se a colheita no final de agosto e durante o mês de setembro. Prevê-se que a sementeira tardia, já fora do ciclo, tenha um efeito negativo na produtividade, que deverá ser menor do que no ano anterior. As batatas de sequeiro foram sujeitas a maiores adversidades climáticas e fitossanitárias. As sementeiras mais precoces encontravam-se colhidas e as mais tardias estavam em colheita. Estima-se uma produtividade menor do que no ano anterior e uma qualidade média baixa.

No **Médio Tejo**, a batata de regadio (para indústria) na segunda quinzena do mês encontrava-se um pouco ressentida com as elevadas temperaturas, cujo efeito se traduziu numa paragem do crescimento dos tubérculos já desenvolvidos e novamente a cultura entrou em tuberização. Prevê-se que a produtividade seja um pouco mais baixa devido aos problemas de excesso de

água nos solos e fitossanitários que ocorreram ao longo da campanha.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, a batata de regadio no final do mês as searas mais adiantadas encontravam-se com os tubérculos em crescimento. As elevadas temperaturas provocaram uma paragem do desenvolvimento dos tubérculos e a formação de novas tuberizações. Com o calor, a parte aérea das plantas iniciou o processo de secagem. Prevê-se uma produtividade mais baixa comparativamente ao ano anterior e uma fraca qualidade.

Na **Península de Setúbal**, a colheita da batata de regadio terminou este mês. O míldio não se revelou muito problemático. O maior problema foi o excesso de humidade no solo, consequência das elevadas precipitações verificadas ao longo da campanha e que levaram ao apodrecimento de muita batata no campo, com consequências na qualidade, que foi fraca. De salientar que, à semelhança do que se verificou na campanha anterior, as primeiras colheitas foram de menor qualidade e de produção mais baixa, sendo que nas últimas colheitas a qualidade e a produção foram melhores. Relativamente ao preço, ocorreu um decréscimo do valor ao longo desta campanha, o qual está a ser significativamente inferior ao da campanha anterior.

8 de agosto de 2025

## DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	37,6	29,4	38,6	36,5	38,1	40,8	40,2	40,4	40,5	42,5
Dia	29	25	29	29	1	1	30	30	31	1
Valor médio da temperatura máxima (°C)	28,7	22,4	29,0	30,0	31,0	33,6	32,6	34,3	33,9	36,5
Temperatura máxima normal para a época (°C)	26,1	—	26,8	28,2	30,2	31,4	30,8	31,6	—	33,3
Temperatura mínima (°C)	11,4	10,5	12,4	17,1	12,2	12,1	14,2	11,2	13,6	10,7
Dia	16	25	25	21	16	15	21	15	26	22
Valor médio da temperatura mínima (°C)	15,3	14,8	16,2	19,4	17,1	15,9	17,2	15,0	16,0	15,0
Temperatura mínima normal para a época (°C)	14,9	—	15,7	18,2	16,2	15,1	16,4	14,6	—	14,2
Temperatura média normal para a época (°C)	20,5	—	21,3	23,2	23,2	23,3	23,6	23,1	—	23,8
Horas de frio	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rajada máxima de vento (Km/h)	44,6	47,9	60,1	57,6	50	43,2	46,4	42,1	48,2	47,9
Dia	23	6	23	1	24	19	6	18	24	29
Número de dias com precipitação	2	7	2	2 <sup>a)</sup>	1	5	2	2	2	2
Precipitação acumulada no mês (mm)	3,1	2,5	1,3	2,5	1,0	1,6	1,9	1,4	1,2	1,0
Precipitação normal para a época (mm)	7,5	—	3,8	2,6	2,1	2,3	3,3	4,3	—	4,3
Precipitação diária máxima no mês (mm)	2,2	1,2	0,7	1,6	1,0	0,9	1,8	1,2	0,8	0,9
Dia	20	11	11	11	20	20	11	20	20	11
Humidade relativa média diária mínima (%)	52	68	41	33	34	51	33	29 <sup>b)</sup>	40	33
Humidade relativa média diária máxima (%)	82	93	87	86	78	95	81	82 <sup>b)</sup>	78	78
Humidade relativa média (%) do mês	70	83	73	62	64	79	61	58 <sup>b)</sup>	61	56

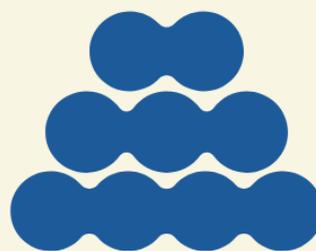
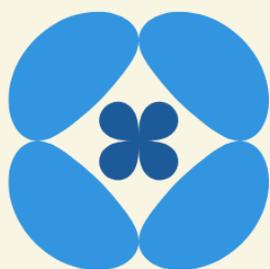
### Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

- a) Falha de dados no dia 25.
- b) Dados recolhidos na estação meteorológica de Coruche/Cruz do Leão devido a falha de dados ao longo do mês na estação meteorológica de Coruche.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



**CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.**  
**RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37**  
**1250-009 LISBOA**

**TEL.: +351 213 837 100    GERAL@CCDR-LVT.PT    WWW.CCDR-LVT.PT**